

Devaneio de grotescas - Transfigurações do imaginário no afresco romano de épocas imperial e renascentista ou: O realismo da irrealidade – Metamorfoses na arte grotesca

Reverie of Grotesques - Transfigurations of the Imaginary in the Roman fresco of imperial and Renaissance eras or: The Realism of Irreality - Metamorphoses in Grotesque Art

Marcelo de CARVALHO
Pós-Doutor em Filosofia UERJ.
E-mail: marmundos@gmail.com

Resumo:

Encontrei no antigo estilo de afresco mural da Roma Antiga, conhecido como grotesca, a ocasião para trançar os fios estéticos que unem arte e filosofia, abordando o estilo ainda pouco conhecido, segundo a metodologia de pesquisa fundada em contradições, que identifiquei no bachelardismo. Entre conhecimento racional e devaneio poético, seguirei intuições de Bachelard, buscando assim, esclarecer o ancestral e enigmático evento pictórico das grotescas romanas, em sua oposição à tradicional definição greco-romana da arte como imitação da natureza (*imitatio naturae*). Não deixaremos também de ressaltar embates de contrários e ambiguidades que, espelhados nos afrescos, parecem constituir aspecto decisivo do panorama cultural da época.

Palavras-Chave: devaneio, grotescas, metamorfose, imaginário, Domus Aurea.

Abstract:

I found in the ancient style of mural fresco from Ancient Rome, known as grotesque, the opportunity to weave the aesthetic threads that unite art and philosophy, approaching the style that is still little known, according to the research methodology based on contradictions, which I identified in Bachelardism. Between rational knowledge and poetic reverie, I will follow Bachelard's intuitions, thus seeking to clarify the ancestral and enigmatic pictorial event of Roman grotesques, in opposition to the traditional Greco-Roman definition of art as an imitation of nature (*imitatio naturae*). We will also not fail to highlight clashes of opposites and ambiguities that, reflected in the frescoes, seem to constitute a decisive aspect of the cultural panorama of the time.

Keywords: reverie, grotesques, metamorphosis, imaginary, Domus Aurea.

“Na vida, a incoerência é mais criativa do que a coerência.

Prefiro o erro à certeza de que vou acertar.

Mais do que as coisas importantes, o que me move são as bobagens”
(Isay Weinfeld – arquiteto)

“Na ambiguidade há verdade”
(Ai Weiwei – artista chinês dissidente)

“Sou um experimentador, no sentido de que escrevo para mudar a mim mesmo
e não mais pensar a mesma coisa de antes”
(Michel Foucault – 1978)

“Se existe alguma forma de modificar o mundo, a mais eficiente talvez seja a dos poetas,
quando abrem o coração para mostrar o que se passa lá por dentro.
Nesse momento, tudo deixa de ter sentido. Fica só a vida que flui e reflui, imensa”.
(Caio Fernando Abreu – “Primeiro toque”)

* * *

Meu recente livro *Devaneio de Grotescas*¹ aborda um estilo de pintura pouco conhecido, segundo a metodologia bachelardiana de pesquisa fundada em contradições, que defendo em outro livro: *Gaston Bachelard – Filosofia do Inexato*². E isto porque, após mais de vinte anos de leituras bachelardianas, o antigo estilo de afrescos da antiguidade romana, que sempre amei, conhecido como grotesca, me ofereceu a ocasião perfeita para trançar fios estéticos que unem arte e filosofia, visto que Bachelard, investigador do contraditório – e, mais que tudo, peregrino de superações do racional, do real e do humano; entre *sur*-racionalidade, surrealidades, *sur*-humanidade –, oferece intuições pertinentes à investigação desse evento pictórico que, não menos do que ele mesmo, também recusa e se opõe à definição tradicional da arte como imitação da natureza.

¹ DE CARVALHO, Marcelo, *Devaneio de Grotesca – O imaginário de Bachelard e a ancestralidade da pintura a fresco italiana*; Mauad, Rio de Janeiro, 2023.

² DE CARVALHO, Marcelo, *Gaston Bachelard – Filosofia do Inexato – Dinamismo de Polaridades como Princípio do Saber*, Amazon - 2012

Mas em que modo a estratégia metodológica das oposições, tão frequente nos poemas e teoremas do filósofo, andrógino de Anima e Animus, servirá a esclarecer o mistério milenar da pintura ornamental da Casa Dourada do imperador Nero que, após sua morte, virou gruta de ruínas subterrâneas e, destas, ascendeu à glória palaciana da nobreza europeia e do alto clero vaticano?

Proponho, então, a ligação interdisciplinar de arte e filosofia que,
a partir de uma bachelardiana metodologia de contradições,
servirá a ilustrar o *realismo da irrealidade*
impresso nas transfigurações da arte, dita grotesca,
ao abordarmos a imagética deste antigo estilo de afresco romano.

E cito o professor Jean-Jacques Wunenburger que afirma:
“O poético floresce na novidade, na riqueza de conotações,
no rastro de ambivalências e dos ecos simbólicos de imagens indefinidas” (Wunenburger, Jean-Jacques,
2016, p.84)

Duas partículas: do grego: META-morfose e, do latim: TRANS-mutação,
traduzem a ideia de *um além de* alguma coisa:
ou seja: transformar e transfigurar como ultrapassar, exceder e superar.
É quanto nos serve para dizer, com Bachelard e com as grotescas. que:
imaginação é superação, deformação e alteração, das percepções do real.

As trans-figurações do imaginário observáveis na arte do afresco romano,
de época Imperial e Renascentista, ilustram atávicos
“desejos de abandonar o que vemos em favor do que imaginamos”
(Bachelard, Gaston, 1994, p.10).

Para Bachelard, tal desejo de abandono dota a imaginação com o poder de sedução
que, por sua vez, nos concede exílio fugaz do ordinário curso das coisas.

Mesmo a linguagem tem papel imagético, sugere o filósofo,
sendo a *palavra* profecia que traz consigo
“desejos de alteridade, de duplo sentido e de metáforas”

(Bachelard, Gaston, 1994, p.10).

Em recente pesquisa, encontrei a seguinte raridade:

Michel Foucault (2001, p.115) citando seu mestre Gaston Bachelard (1994, p.10-13):

“Bachelard tem mil vezes razão, quando mostra a imaginação à obra na intimidade mesma da percepção e o trabalho secreto que transmuta o objeto que percebemos³ em objeto que contemplamos: “Compreendemos as figuras por meio de suas transfigurações”⁴; e eis então que, para além das normas da verdade objetiva “impõem-se o realismo da irrealidade”⁵. Melhor do que ninguém, Bachelard colheu o trabalho dinâmico da imaginação e o caráter sempre vetorial de seu movimento.

Foucault, mestre de mutações, já havia dito de si: “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo” (Foucault, 2001, epígrafe), demonstrando, em tal modo, a capacidade de progressiva transformação

performada em seu pensamento.

Imaginação é, precisamente, esse movimento de superação que determina o dinamismo do ser sonhante:

“Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ao invés disso, ela é a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é sobretudo a faculdade de nos libertar das imagens primeiras, de mudar de imagens. Se não houver mudança de imagens, união inesperada de imagens, não existe imaginação [...], existe percepção”⁶.

³ Notamos que, no trecho referido, invés de “objeto que percebemos”, como transcreve Foucault, seu mestre Bachelard usa a expressão “impressão íntima”, no sentido de uma “percepção interior”, de um movimento da alma. Acredito ser importante precisar tal alteração que põe em risco a compreensão do pensamento bachelardiano original que distingue claramente imaginação e percepção.

⁴ BACHELARD, Gaston, *L'Air et les Songes - essai sur l'imagination du mouvement*, Paris, José Corti, 1943, p. 13) apud FOUCAULT, Michel, *Dits et Écrits, I, 1954-1975*, Paris – Gallimard, 2001. p.114/115.

⁵ BACHELARD, Gaston, *L'Air et les Songes - essai sur l'imagination du mouvement*, Paris, José Corti, 1943, p. 13) apud FOUCAULT, Michel, *Dits et Écrits, I, 1954-1975*, Paris – Gallimard, 2001. p.114/115.

⁶ BACHELARD, Gaston, *L'Air et les Songes - essai sur l'imagination du mouvement*, José Corti, Paris, 1994, p.7.

“A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que superam a realidade, que cantam a realidade. Ela é uma faculdade de *sobre humanidade (surhumanité)*. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem (*surhomme*). Deve-se definir um homem pelo conjunto de tendências que o impelem a superar a condição humana”⁷.

Para que exista imaginação, e não simples percepção,
uma imagem deve determinar
“um prodígio de imagens aberrantes, uma explosão de imagens”
(Bachelard, 1994, p.7).

O dinamismo que rege o imaginário nos permite experimentar transformações, transmutações ou transfigurações de imagens que são mutantes por natureza, porque a imaginação, enquanto essencial estado de abertura psíquica, atua deformando e superando percepções interiores. Na criação artística, o psiquismo imaginante é fluido e constitui o imaginário como campo mobile de incessantes mutações e metamorfoses.

A bachelardiana viagem ao imaginário dinamiza o psiquismo, enquanto:
“viagem ao país do infinito (...), região onde a imaginação se afirma como imaginação pura. (...) Então se impõem o realismo da irrealidade.
Compreendemos as figuras por meio de sua transfiguração”
(Bachelard, 1994, p.12/13)

Neste reino de transcendências, o imaginário,
em pleno uso de sua qualidade essencial de abertura de superação,
cria novas realidades, para além da hegemonia da verdade objetiva, pois,

⁷ BACHELARD, Gaston, *L'eau et les rêves – essais sur l'imagination de la matière*, José Corti, Paris, 1997, p.23.

como afirma o filósofo, “ultrapassar o pensamento é lei da expressão poética”. (Bachelard, 1994, p.12)

Ao tratar de imaginação, mais do que à imagem, Bachelard se refere ao imaginário como âmbito extensivo de alcance da potência criadora de novidades, expressa na repercussão imagética.

A imaginação, enquanto intrínseco dinamismo espiritual e como potência de devaneio, se torna a própria experiência de abertura do psiquismo à novidade, àquilo que supera a *faticidade* do cotidiano.

Portanto, o filósofo anuncia *L'air et les songes* como esboço de uma *psicologia da imaginação do movimento*, capaz de investigar a dinâmica vitalidade que situa o imaginário, sempre além de suas próprias imagens, no fecundo e inovativo fluxo criativo da alma humana.

O filósofo paragona um poema belo – e, por conseguinte, toda criação artística, assim como, todo produto estético – ao ópio ou álcool que nos inspira estímulo tão dinâmico quanto uma viagem imaginária. Este trajeto e estadia no país do imaginário é o que interessa realmente a Bachelard.

Ocorre, então, ressaltar tal *estado fluido do psiquismo imaginante* - sua característica pré-disposição a permanente transformação –, como *trait-d'union* entre estética bachelardiana e afresco grotesco, dois acontecimentos das artes aqui acomunados.

“Ora, aquilo que queremos examinar nesta obra é, realmente, a imanência do imaginário ao real, é o trajeto contínuo do real ao imaginário (...). Raramente experimentamos a lenta deformação imaginária que a imaginação proporciona às percepções”. (Bachelard, 1994, p.11):

Pode-se, portanto, concluir que o devaneio imaginário produz a projeção de íntimas impressões que, por sua vez, cria novas realidades.

Nas artes em geral, tal transposição da intimidade em imagens novas transgride, frequentemente, leis e valores humanos, razão pela qual o filósofo afirma as inovações do imaginário

como exercício da humana atitude de audácia criativa.

No devaneio de grotescas, se desvela, então, a oportunidade de observarmos
a audácia criativa e o inconformismo rebelde
de renomados artistas da Roma imperial e renascentista.

O procedimento do bachelardismo que, entre *ratio* e *rêverie*, razão e devaneio,
cria embate de ideias opostas, como inteligível fonte de novidades teóricas,
me sugeriu a justa intuição para o estudo do antigo estilo de afresco, dito grotesca,
devido à sua radical oposição à definição tradicional da arte,
com tudo aquilo que tal contestação comporta, em termos de subversão figurativa,
como veremos, brevemente, a seguir:

*Devaneio de Grotescas - O Imaginário de Bachelard
e a ancestralidade da pintura a fresco italiana,*

mostra este bizarro estilo de afresco, desconhecido durante 1.500 anos –
durante os quais, os ambientes afrescados permaneceram sepultados no solo de Roma –,
segundo método inusitado de pesquisa, fundado em contradições,
por mim documentado no estudo da obra bachelardiana,
que exhibe um saber construído por oposição, e cuja alma andrógina vibra
na dicotomia entre domínios da racionalidade científica e do imaginário poético.

Brota desta dialética o dinamismo de polaridades e oposições,
evidente em seu pensamento e característico do ser sonhador.

Wunenburger diz: “A imaginação poética é um complemento
da prática intelectual das ciências” (Wunenburger, J. J., 2016, p.81),
sintetizando, em tal modo, o enigma de complementaridade
entre conhecimento e devaneio
que dá origem ao especial método do saber por contradições,
radicalmente oposto à toda tradição filosófica.

Resgatamos, assim, o dinamismo de oposições e ambiguidades,
intrínsecas ao pensamento humano, como instrumento de investigação

do extravagante fenômeno da iconografia ocidental, conhecido como pintura grotesca.

Razão pela qual pensei em apresentar estes os dois eventos, coligando arte e filosofia:

- Em 1480: a descoberta arqueológica de ruínas subterrâneas da *Domus Aurea*, Casa Dourada de Nero, do 1º séc d.C.
- E: o embate entre contrários como metodologia do pensar bachelardiano⁸.

Bachelard, pensa por contradições

- como atesta o título de sua obra: *La Philosophie du non –*,

Já que: a imaginação tem como sua função específica a arte da metamorfose.

Como vimos, o dinamismo faz do imaginário um fluxo de mutação transfigurativa, gerador de novidades estéticas e conceituais, exatamente como a representação grotesca.

E foi assim que o antigo estilo romano de afresco mural tornou-se ocasião para sugerirmos uma filosofia da arte experimental.

Vale dizer que, opor-se ao modo tradicional de pensar a arte, como estratégia da reflexão, serve para conduzir o leitor ao devaneio sobre esse imaginário pictórico que também ousou subverter a regra, opondo-se a imitar a natureza.

Durante o fervilhar renascentista, nobres palácios papais e aristocráticos, atraíam à Cidade Eterna os mais renomados pintores de afrescos.

Concomitantemente, em 1480, deu-se a descoberta casual de ruínas da *Domus Aurea* de Nero, soterrada devido a condenação do imperador à *damnatio memoriae*.

Pintores do renascimento, iluminados por tochas, descem nas grutas, atraídos para conhecer e copiar o desconhecido estilo de afresco figurativo,

⁸ Aos interessados em aprofundar a questão sobre tal método de escrita filosófica, sugiro meu livro: **Gaston Bachelard** *Filosofia do Inexato – Dinamismo de Polaridades como Princípio do Saber*, Amazon USA, 2012.

pintura mural ornamental que chamam grotesca, pois vinda das grutas (*grotte*).

Um estilo em evidente oposição à tradição decorativa clássica da arte,
como mera representação do real.

A luz do fogo das tochas revelava um repertório
de figuras bizarras e animais híbridos, em transformação,
que surpreende e subverte a imaginação desses artistas,
até então, ancorada à realidade,
com metamorfoses de figuras mutantes e construções arquitetônicas impossíveis.

Uma fantasia de arabescos e de seres híbridos flutuantes
que documentam uma radical oposição à tradição decorativa clássica.

Universo estético de rara beleza
que transforma elementos de arquitetura, seres humanos, animais e vegetais,
em redes de figuras metamórficas, uma rede de representações transfiguradas.

Pompéia e Herculano só seriam descobertas em 1780,
exatamente três séculos após a descoberta da *domus* neroniana;
portanto, o estilo grotesco era totalmente desconhecido, mas, mesmo assim,
este, logo determinaria
a criação de novos estilos de retorno ao classicismo imperial romano,
já que, estes grandes artistas italianos do Renascimento,
logo passariam a adotar o vocabulário iconográfico grotesco em seus afrescos,
difundindo o estilo por palácios de toda Europa.

O novo livro reúne, pois, os dois eventos rebeldes
que brotam do espírito crítico de oposição a regras lógicas e estéticas,
que são: as grotescas, de um lado, e do outro lado, o método de contradições.
Ilustramos a obra com imagens de vinte palácios e villas, monumentos italianos,
decorados com pintura em estilo grotesco - dez da antiguidade e dez do renascimento.

Além disto, dois anexos ilustram o mundo clássico greco-romano:

- “**A visão dionisíaca do mundo**”, breve ensaio de Nietzsche, que nos serviu como relevo do elemento fantástico-irracional existente nas grotescas da antiguidade e do classicismo renascentista. Pulsões dionisíacas transgressoras, sob o manto da racionalidade helênica, exemplificados no mítico embate entre Apolo e Dioniso, potências opostas de medida e transbordamento, novidade e origem criadora da tragédia grega.
- E “**As Metamorfoses**”, de Ovídio, poeta romano, sec. I d.C., que, compilando inesgotável memória de aventuras mitológicas traz, em sua obra, o tema dominante na grotesca, ao apresentar o mito da transformação dos seres, como origem universal. Donde deduzimos que a metamorfose fosse já uma perspectiva cultural difusa na poética popular da civilização latina.

E concluindo, desejo recordar o gracioso elogio de minha mentora,
a renomada e emérita filósofa bachelardiana, Marly Bulcão:

“Considero este texto de Marcelo um hino à imaginação criadora
que nos faz vivenciar, através da noção bachelardiana
de dinamismo de oposições e ambiguidades,
a comoção estética provada diante das grotescas,
um extravagante fenômeno da iconografia ocidental.
Por fim, ao promover o encontro de filosofia e arte,
o livro mostra dinamismo e criação qual força motriz do filosofar e da imaginação,
que conduzem sempre à instauração de novas realidades”.

*

BIBLIOGRAFIA:

- BACHELARD, Gaston, *L'air et les songes – essais sur l'imagination du mouvement*, José Corti, Paris, 1994.
- FOUCAULT, Michel, *Dits et écrits I (1954-1975)*, org. Daniel Defert e François Ewald, colab. de Jacques Lagrange; Gallimard, Paris, 2001.
- BACHELARD, Gaston, *L'eau et les rêves – essais sur l'imagination de la matière*, José Corti, Paris, 1997.

- WUNENBURGER, Jean-Jacques, *Esthétique de la transfiguration*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2016,



CARVALHO, Marcelo de. Devaneio de grotescas - Transfigurações do imaginário no afresco romano de épocas imperial e renascentista ou: O realismo da irrealidade – MetamorfoSES na arte grotesca. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24067, p. 01-11.

Recebido: 08/2024

Aprovado: 09/2024